

Um homem de seu tempo



Paulo R. Santos
Sociólogo, escritor e divulgador espírita

O professor Rivail, aliás, Allan Kardec não foi uma exceção se comparado aos outros seres humanos de seu tempo, como ocorre no nosso. Sua vida e obra só podem ser bem compreendidas se contextualizadas, levando em conta o tumultuado momento em que viveu e conviveu com homens e ideias que chegavam simultaneamente para alavancar a humanidade.

São os tempos de Karl Marx, na filosofia política e de Charles Darwin, com a teoria evolucionista, embora nenhum deles possa assumir, isoladamente, a 'paternidade' dessas poderosas teorias que reviraram as entranhas da sociedade. As teorias de Marx evoluíram, assim como as de Kardec e de Darwin, e um novo contexto lhes dá coloridos e interpretações novas. Todas herdeiras do Iluminismo alemão e francês.

Ao ser atraído pelos fenômenos das mesas girantes e 'falantes', Kardec inaugurava um novo tempo, se considerarmos que, até então, ninguém havia se atrevido a enfrentar abertamente os poderes eclesiásticos e as leis francesas sobre esses assuntos, para tratá-los cientificamente, com o método disponível à sua época, conhecido como Positivismo. Já era um avanço e tanto!

É de se admitir que mais que sua curiosidade científica e a sua tarefa terrena, intuída de alguma forma, as próprias circunstâncias o estimularam a inventariar e organizar os eventos tidos como paranormais para que, depois de classificá-los e organizá-los segundo métodos ainda hoje válidos, fossem dados ao exame público na forma dos livros que conhecemos como Codificação.

Não podemos nos esquecer de que Kardec vive numa França pós-revolucionária (1789 e 1848), onde a efervescência das ideias era cotidiana e para onde iam intelectuais e pensadores de outros países, pela relativa liberdade de pesquisa e divulgação das novas descobertas. É nesse momento histórico que as ciências humanas aparecem, crescem, ganham força e se firmam, para serem desenvolvidas ao longo do século XX.

Certamente muita coisa que ele sabia não podia ser publicada naquele momento, e um exemplo disso podemos recolher no livro *Obras Póstumas*, em anotação de 24 de janeiro de 1860, que trata da duração de seus trabalhos, e ele se refere claramente a dez anos. Transcrevemos: *“Os Espíritos me pressam para publicar A Gênese em 1867, antes das perturbações. Durante o período de grande perturbação, deverei trabalhar nos livros*

complementares da Doutrina, que não poderão aparecer senão depois da grande tormenta, e para os quais me são necessários de três a quatro anos.”

Naturalmente, nem tudo lhe foi dito claramente pelos Espíritos para que ele não perdesse o foco, sabendo antecipadamente detalhes sobre a guerra franco-prussiana (1870-71), que ele não chegaria a ver como encarnado, já que deixou o mundo visível em 1869, sem escrever o que chamou de 'livros complementares'. Mas, certamente, as palavras '*perturbação*' e '*tormenta*' se referem a essa guerra da qual a França saiu derrotada pela Alemanha (então chamada Prússia). Por isso os Espíritos guias tinham uma certa pressa.

De todo modo, da publicação de *O livro dos Espíritos* (1857) em diante, considerando seus artigos e discursos, atas das reuniões mediúnicas e tudo o mais que ele registrou escrupulosamente, até o ano de seu retorno à vida espiritual, Kardec produziu material suficiente para legar um corpo doutrinário consistente, embora aberto a atualizações e complementações conforme a ciência avançasse; uma vontade manifestada de forma expressa em seus textos.

Como homem de ciências, vêmo-lo como um pesquisador sério, honesto e escrupuloso. Politicamente, poderíamos vê-lo como um liberal-conservador, ou até mesmo como um monarquista, segundo alguns entendem. Algumas de suas teorias estão no contexto de sua época, e quanto aos erros de interpretação e posicionamentos, certamente ele já reviu e mudou seu modo de pensar a respeito, como no ensaio chamado *Teoria da beleza*, também inserido em *Obras Póstumas*, carregado do racismo de seu tempo.

Aquela expressão carrancuda, bastante conhecida, provavelmente não corresponde ao temperamento de Kardec. Assim como hoje é moda sorrir ou fazer trejeitos para uma foto, nos tempos do professor Rivail, aliás, Kardec, os hábitos sociais eram outros, mais rígidos, e por isso rir não era de 'bom tom' quando em público, o que não quer dizer que homens e mulheres não se divertissem de acordo com os costumes, mas havia hora e lugar para tudo, diferentemente de nossos tempos confusos.

Enfim, para entender Allan Kardec, tanto quanto o professor Rivail (seu nome original), é indispensável fazer um *tour* histórico pelo seu tempo e assim entender como e porque ele fez o que fez, e como fez, incluindo o estilo escolhido para redigir as obras que fundamentam a doutrina espírita até nossos dias, passados mais de 150 anos.

A Doutrina Espírita em si, é obra conjunta, organizada por ele e seus amigos espirituais e terrenos, guias e protetores do 'projeto' espiritualizante em curso. Uma 'teoria do Espírito' ainda e sempre aberta a complementações, desdobramentos e eventuais correções naqueles pontos que se mostrem desatualizados, como queria o fundador do espiritismo.